

TAPA

Waldir de Pinho Veloso (*)

Em 1978, o bancário José Eustáquio Sebastião do Amaral chegou a Montes Claros. Mas, a vida não é tão simples assim. Ele nasceu em Biquinhas, Centro de Minas Gerais e, ainda muito jovem, mudou-se para Abaeté, não muito longe da sua terra natal. Trabalhando como balconista, como trocador de ônibus e, por último, em uma hoje extinta casa bancária que fora ligada ao governo mineiro, Eustáquio Amaral morou em Frutal, Pompéu, Belo Horizonte, Uberlândia, Paracatu, Pará de Minas, Papagaios, Pitangui, Divinópolis, Várzea da Palma, Pirapora, São Francisco e... Montes Claros. Nesta ordem.

Desde muito jovem morando longe da casa dos pais, a vida lhe ofertou diversas famílias. Muitas delas, em hotéis e pensões. A mesma vida que lhe deu a esposa Mônica e os filhos, impôs-lhe também momentos difíceis. E dele exigiu decisões rápidas, sob pena de, carcomidas pela intempestividade, dar – às situações e a ele – o maculado rótulo da caducidade.

Muitas etapas da vida de Eustáquio transcorreram sob o manto da observação das atitudes dos que lhe rodeavam. Não por ser um perquiridor da vida rueira, mas por seu estilo de escritor que a tudo vê e que impregna de realidade o que muitos deixam apenas no campo do pensamento. De fato, a observação de que “minha vida dá um romance” pode ser estreitada para “esta passagem da vida é parte de um romance”. E, de fato, escrever o romance. Ou, pelo menos, descrever a etapa.

E, como escritor capaz que é, Eustáquio Amaral colheu cada momento da vida em perfeita paz, para que os retalhos se avolumassem de detalhes, ainda que os momentos se lhe apresentassem como credores de sua interferência. A sua condição de estar à margem de alguns problemas lhe deu possibilidade de, percebendo com mais minúcias, arrebanhar para si o sumo do que de mais sublima cada segmento do tempo lhe conferia.

E foi assim que, morando em Pará de Minas, foi-lhe possível entender um dos motivos pelos quais se pode afirmar que Deus é bom. É que a pele das moças da região, e as moças em si próprias, são distintas das demais Minas Gerais (Guimarães Rosa disse que “Minas são várias” e as Minas de Pará – de Minas – são, de fato, ímpares em confronto com outras terras mineiras).

Após morar em Pará de Minas, Eustáquio continuou se mudando de cidade, conforme as necessidades impostas pela profissão. Ao chegar de mudança em uma outra cidade da sua lista de estadas, ficou sabendo que um dos hotéis da cidade era o de Zefinha e Nonô, casal procedente de Pará de Minas. Assim, a atração o puxou para ir morar em tal casa. Ao ser recebido, lembrou-se logo da figura: uma baiana alta, altíssima, de corpo forte – porém, não gordo – e a maior disposição para o trabalho que alguém podia reunir em si próprio.

Eustáquio Amaral passou a morar no Hotel de Nonô e Zefinha. Mais honestamente, de Zefinha. Nonô era um apêndice da empresa. Era o texugo da corporação. A única profissão que qualificaria Nonô era “marido”. Dona Zefinha era quem tinha que tomar conta de tudo. Ela era o próprio exemplo da vitória. Nada lhe fazia medo, quando o assunto era trabalho. Lutava em todos os momentos e cravava, a cada dia, uma sucessão de afazeres que, somados, poderiam, sim, dar-lhe o título de mulher de verdade. Quanto ao seu marido Nonô... Fácil explicar que Zefinha saiu da Bahia e se estabeleceu, inicialmente, em Pará de Minas com a intenção de ser alguém de destaque na vida. Exerceu em profissão humilde – porém honrada. Evoluiu. Mesmo quando ainda trabalhava como simples empregada, oferecia pernoites, em sua casa nas proximidades da estação rodoviária, para as famílias que chegavam de viagem. E, com as economias e a concentração máxima de esforços e boa gerência do raro dinheiro conseguido, mudou-se de cidade e transmudou-se para dona de Hotel. Já neste ponto, conseguiu o casamento. Seu marido Nonô jamais trabalhara na vida. E continuou no firme propósito de não contrariar a sua vocação para o ócio.

Enquanto Zefinha trabalhava, literalmente, dia e noite (hotel não tem hora para fechar as portas, estando à disposição de chegantes e saintes a qualquer instante), Nonô descansava. De quê, não se sabe. Por seu lado, Zefinha confirmava a fama de baiana que não dispensa trabalho. Seu nome era trabalho; seu sobrenome, hora extra. Ela mantinha a casa. E até alguns vícios sociais do marido.

O que ela não sabia era que Nonô, talvez autorizado pela ociosidade, tivera tempo para procurar por outras mulheres da nova cidade. E já se engraçara tanto com uma mocinha de pouquíssimo mais de vinte anos que a ela dera joias, roupas e outros petrechos e penduricalhos típicos de enfeite de penteadeira (e a referência tem a sentença da minha irmã Cleusa, que qualificava certas coisas como “mais colorido do que penteadeira de prostituta”). A moça, vinda de outras paragens – provavelmente, expulsa de casa pela família, por envolvimento íntimo com algum homem – morava em local não familiar e estava à disposição dos rapazes da região.

Quanto alguém confidenciou a Zefinha a realidade, ela entendeu por que Nonô resolvera lhe ajudar a cuidar dos acertos com os clientes do hotel. E, encadeando os pensamentos, percebeu por que não mais havia sobras – e talvez equidade – entre os haveres e os arrastos.

Um dia, a praça em frente ao hotel de Zefinha viu-se mais perfumada. A moça desfilava de salto alto, esbanjando cheiros, esvoaçando cabelos, puxando para o único corpo toda a atenção dos machos. Em razão da fama de “perdida” da moça, as mulheres de família de uma típica cidade que detém a conjunção e simultaneidade de ser mineira e interiorana, não lhe poderiam dirigir olhares. Muito menos, palavras. A moça em assunto era quem, em concorrência com Zefinha, nutria a libido e os prazeres de Nonô.

O centro da praça passou a ser também o centro do mundo para a moça. Ela aproximou-se de uma banca de jornais. Folheou as primeiras páginas de uma revista. Percebendo que a moça estava ao seu alcance, Zefinha protagonizou uma cena de cinema. Não apenas porque era típica de atores, arte, atitude, ação. Mas, porque foi real demais. “Tão real que parece igual no cinema”, como compuseram Arnaldo Black e Carlos Rennó, na música “Ajoelha e Reza”, que a voz de Tetê Espíndola se encarregou de plantar. E, em vez de a arte imitar a vida, sem dúvidas, pelo acontecimento em foco, somente a vida é que, com muito esforço, poderia imitar a arte de Zefinha.

Assim que viu a moça passar nas proximidades do hotel, Zefinha a acompanhou. Não somente com os olhos, mas com passos largos e que eram a carruagem de todo o seu forte corpo. Quando a moça chegou à banca de jornais já referida, no meio da praça também já identificada, e começou a folhear a revista, a baiana Zefinha chegou-se para junto dela e se pôs à sua frente. A moça – mesmo encimando um sapato de salto alto – teve que olhar para cima para ver o rosto de Zefinha, que não era mulher baixa. E esta também esperou que a moça lhe olhasse.

Quando as luzes dos olhos das duas mulheres se entrecruzaram, ocorreu o inverso do que escreveu Vinícius de Moraes (“quando a luz dos olhos meus/ e a luz dos olhos teus/ resolvem se encontrar/ ai, que bom que isto é, meu Deus/ o frio que me dá/ o encontro desse olhar”). E Zefinha somente esperou ver que os olhos da moça a reconheciam. E, ato contínuo, afastou do seu forte corpo o braço direito. E o vento viu-se cortado por este braço quando este ia, com velocidade que impedia o retorno, rumo ao rosto da moça. O estalo cinematográfico pôs a moça no chão. Um tapa digno de uma mulher séria em um rosto que não detinha essa qualidade. Um tapa que faria – e certamente o fez – desenhar, na pele da jovem o rastro dos cinco dedos de Zefinha. Um tapa externado não apenas por uma mulher, mas por uma pessoa dominada pela força alimentar do ódio. Um tapa que serviria – e certamente serviu – de lição, sendo esta garatujada não por letras, mas pela vermelhidão que o rastro dos dedos fincou no rosto da moça. Um tapa.

A moça ficou caída. Zefinha nada lhe disse. Tampouco disse algo a outrem. Certamente, quando a grogueza a deixasse, saberia a moça por que fora a nocaute. Antes que Zefinha tomasse o caminho de volta, em seu silêncio mongiano, bateu duplamente uma mão na outra – a palma de uma na parte posterior da outra e, na repetição, com a troca de posição das mãos, inclusive no movimento oscilatório de vaivém. A seguir, passou ambas as mãos, cada uma ao seu lado, no

avental. Depois, tomou o caminho de volta e adentrou-se ao hotel. Calada. Rosto sóbrio. A tranquilidade morava nela. Nenhuma ruga lhe sulcava o rosto de baiana decidida. Depois que Zefinha entrou no hotel, dele Nonô não saiu por, pelo menos, seis meses, pelo que sabe Eustáquio Amaral. Este foi o tempo em que Eustáquio continuou a se hospedar no hotel de Zefinha.

Durante este tempo, ninguém do e no hotel de Zefinha ousou fazer qualquer comentário sobre o fato. Muito menos, Nonô.

(*) Advogado. Professor Universitário e Escritor. Membro da Academia Montes-Clarensense de Letras. Pós-Graduado em Direito e Mestre em Linguística.